

Diante do registro de que dois milhões de espectadores no Brasil já assistiram ao filme - A Paixão de Cristo ("The Passion of the Christ") do Diretor Mel Gibson, gostaria de contribuir com tantas reflexões já feitas à referida película.

Não desmerecendo mas dialogando com a belíssima Obra de Arte que é este filme, é evidente que diante da obra de Mel Gibson nossos olhares serão diversos e plurais, e nos levarão semelhantemente diversas emoções e paixões... Se pudesse usar esse termo, diria que a atmosfera do filme é ritmicamente "Caravaggiana". Gibson nos leva a uma tela contrastando a luz em tons marrons e pastéis, que caracterizava o estilo do "pintor maldito" da expressão Maneirista.

Disseram a respeito da obra de Caravaggio: Sem mobilizar céus ou nuvens, arcanjos ou santos, o pintor realiza uma severa síntese: o fundo passa a ser quase uniformemente escuro, e toda atenção se concentra na figura, incontestavelmente santa, mas de uma santidade conquistada a partir do caráter HUMANO." (*GÊNIOS DA PINTURA - Circulo do Livro*) Hoje talvez tenhamos um outro "renascimento" do e no homem pós-moderno, que encontra em si a insurgência do "Sagrado", e em busca desmedida e primitiva ao mesmo "Sagrado". Gibson, não distante do "Tenebrismo" de Caravaggio, quer nos levar "puramente" ao Cristo apaixonado, ou suas intenções o tornam vítima da reação à modernidade, construindo uma obra religiosa na "era pós-moderna". O filme tem como inspiração cinematográfica o flutuar entre os escritos bíblicos e a violência esnobe do cinema americano atual.

Disseram da Obra de Gibson: Classifico *A Paixão de Cristo* como violento e perturbador. É um filme bem feito, mas muito violento e repleto de um senso de auto-flagelação. (*Paul Schrader, roteirista de A Última Tentação de Cristo - 1988*). Quem já oportunamente apreciou a obra "A Crucificação de São Pedro" de Caravaggio, percebe claramente seu estilo de conflitar a brutalidade com a pureza, caminho também trilhado por Gibson na sua obra atual.

Entretanto, não temos dúvida nenhuma que ao contemplarmos esse filme, vemos uma espiritualidade Católica Romana, que ressalta o sofrimento, a penitência e o castigo da carne em "troca" de um possível engrandecimento e purificação do Espírito: "Tendo recebido um exaustivo jejum e tristezas, foi dado a doenças, sofrimentos, a outras coisas amargas da vida como a um tipo de freio.

Porque ele não se restringiu sensivelmente àquela vida que era livre de trabalhos e tristezas, ele foi dado a infortúnios de modo que pelos sofrimentos ele possa curar em si mesmo a doença que veio sobre ele no meio das bênçãos." ("On the Incarnation of the Lord" São Cirilo de Alexandria).

"Se Nosso Senhor mesmo deu-nos o exemplo de sofrimento, então por que deveríamos pensar o contrário? Deveríamos ter o mesmo desejo de sofrer com Cristo, por Cristo e em Cristo. E quando o espinho das dores nos penetrar, deveríamos nos considerar felizes, deveríamos encontrar alegria nessa dor; nossa felicidade deveria se dar pelo fato de sermos considerados dignos de nos associar à Paixão de Cristo pela redenção do mundo e de nossos próprios pecados. Não seria esse desejo uma outra marca registrada do Amor de Deus? Ou seja, o desejo de que nós também nos uníssemos aos sofrimentos de Seu Filho para participar depois da mesma glória?" (*Veritatis Splendor - Angelus Press-Editorial*)

Temos na obra uma conotação "patristicamente" conduzida, para que nossa respiração seja "espiritual" e nossa apnéia seja "carnal" durante as duas horas de exposição ao filme. Evidencia-se assim que esse filme certamente não seria moldado por um protestante, e sim por um católico. Gibson em detrimento à Boa Nova – que no filme passa a ser um detalhe composto em flash-backs - supervaloriza a violência, crua e nua. Violência essa, que certamente agride a todos nós com a competência, pela forma com que ele retrata as torturas sofridas por Jesus. No entanto, a sua competência na composição das cenas, não deve ser associada a uma ação literal de como as torturas realmente aconteceram. Sabemos pelas escrituras, que aquilo foi o que realmente aconteceu, mas o filme mostra aquele momento na visão do diretor Mel Gibson (O idealizador da violência de "BraveHeart" e "The Patriot"). Nem na minha, nem na sua mente estavam construídas cenas como aquelas do escarnecimento de Jesus diante dos soldados romanos. Hoje, após o nosso relacionamento com filme, passamos a receber uma influência natural de como Gibson vê e constrói o seu personagem. A ação sanguinária sobre o Jesus de Gibson, nos faz perceber que o filme, se for "anti-alguma coisa", é uma obra anti-torturadora(es), pois a violência e escárnios dos soldados romanos está acima que qualquer outra no percurso do filme. A sangria de Jesus não se mostra banal, mas por vezes caricatural. O diretor não esconde querer chocar a todos com a quantidade de sangue que verte do corpo do seu Jesus.

Todos sabemos que o volume de sangue que um homem possui no seu corpo é de aproximadamente cinco litros. Assim, não fica difícil acreditarmos que o Jesus de Gilson teria aproximadamente uns quinze litros de sangue em seu corpo. É de impressionar que depois de tanto sangue derramado por seu personagem, ainda presenciarmos na cena em que o soldado vaza o corpo de Cristo com uma lança, um verdadeiro “jato” de água e sangue banhando o militar sonoramente. Um exagero... Quinze litros de sangue talvez me deixem generoso diante daquela cena... Apesar de Gibson mencionar que estava sendo guiado pelo “Espírito Santo” para dirigir o filme, confessa também ter seguido de perto “A amarga Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo”, as visões da Venerável Anna Catarina Emmerick [1], recolhidas e transcritas por um poeta bretão.

As cenas traduzem o desejo de um religioso praticante vetero-católico, de não deslegitimar a construção da tradicional “Paixão Romana”, levando Mr. Gilson a não comprometer a “Via Crucis” e nem todas as suas etapas em nome da dessa tradição religiosa: uma tradicional cruz “completa” carregada por Jesus (pois a imagem de Jesus carregando um cruz “pronta” é de idealização medieval), ao lado dos ladrões que carregavam só as traves horizontais; a tradicional imagem dos pregos sendo cravados nas palmas das mãos de Cristo, como em todos os crucifixos espalhados no mundo católico (quando sabemos, em maior consenso, que os mesmos foram cravados nos pulsos). A distância de um Abba silencioso e a ternura quase divina do elemento feminino composto em Maria (a parte poética de Gibson). O filme também nos convida a provar de uma expressão mais latina que judaica da Bem-aventurada Mãe de Deus. Essa postura nos remete ao Cristo que dominicalmente é sacrificado na mesa eucarística das missas pelos sacerdotes romanos, velada na linha teológica do filme de Mr. Mel; é um *Sacrificium* em detrimento de um *Beneficium*.

Em se tratando do caráter plástico do Jesus de Mel Gibson, ele nos leva a quase deixarmos de lado o naturalmente Homem, em detrimento da imagem de um naturalmente Super-Homem (talvez nem você, nem eu e nem a maioria das pessoas “comuns” suportaríamos metade daquela violência físico-fisiológica em seus primeiros minutos). Gibson nos passa a idéia de que Jesus só morreu quando quis morrer, pois, mesmo estando esfacelado e moído na cruz, ainda falava conscientemente e equilibrado. Assim ele nos remete a uma ressurreição sem brilho e com um Cristo “cansado”, “sereno”, traduzido no olhar do ator James Caviziel, compartilhado apenas nos dois minutos finais do filme. Como cansado...? Gibson foi um Caravaggio...Foi caprichoso no que queria mostrar... Seu Cristo (James Caviziel) representa uma beleza física que não contemplamos no texto de Isaías 53:2 - “Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos.”- . Caviziel é um homem de beleza latina marcante, distante do Jesus de “A Última Tentação de Cristo”, dirigido por Martin Scorsese, onde o não tão belo ator Willem Dafoe fortalece essa falta de beleza na imagem judaica de Jesus; e longe também do esquelético Jesus de Franco Zeffirelli, composto pelo franzino ator Robert Powell. Para quem não tinha o propósito de privilegiar os diálogos, Gibson trata a imagem de Jesus no filme compondo o máximo da tela, com um apontamento quase renascentista presente no físico de Caviziel.

Gibson conseguiu atingir vários dos seus objetivos. Além de impressionar a todos, levando ao destaque nas nossas mentes a violência sofrida por Jesus, também ganhou muitos dólares. Certamente o discurso da acusação “anti-semita” de seus opositores, que foi promovido pela indústria cinematográfica americana (dominada pelos judeus americanos), também ajudou no marketing de sua obra. Não estou tão crédulo de que Gibson “não fez esse filme pra faturar”, Não creio no desprendimento materialista deste faturamento milionário.

Vemos que numa sociedade protestante “familiarmente falida”, como a americana, onde os “crentes sérios” são os católicos e a violência é um meio de conquistar o consumidor ocidental. A violência (de qualquer categoria) é o carro chefe da sedução dessa e de outras obras cinematográficas atuais. Ela é a língua que a nossa sociedade mais entende hoje. Está aí a genialidade deste artista de marca maior, chamado Mel Gibson: encontrou a linguagem correta para seduzir as pessoas ao encontro com dessa mensagem de VIDA ETERNA em nossos dias, que tristemente consomem esse produto: A Violência.

Para a sociedade ocidental atual, o consumo se inclina diante do que agride... Violência, Agressão, Sangria... Destas expressões nós entendemos muito bem.

Essa linguagem está ao nosso redor, em nosso meio diariamente, e em todo o mundo.

Essa MENSAGEM CRISTÃ, que nos transforma diariamente, deve ser seriamente vivenciada na Vida, Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Cristo, até que ele volte. Tê-la nas veias já é impactante e transcende a vida de todos que se relacionam intimamente com o autor e consumidor de nossa Fé - JESUS. Não importa se na visão do pintor maneirista Caravaggio, ou na visão do diretor “americanizante patriota” Mel Gibson, essa mensagem seja transformadora diante de quem conhece a beleza da Salvação em Cristo Jesus.

Assistam, ao filme... Contemplem a tela...é uma obra de arte.

Mas experimentem a Deus em Cristo: Abba! Pai!

---

[1]. Pintor italiano. (Lombardia, 1573 - Porto Ercole, 1610). Homem de vida airada, Michelangelo Merisi estuda inicialmente em Milão com o maneirista Peterzano, contra cuja estética reage asperamente. Autodidacta no que se segue, a sua pintura suscita violentas reações. Mas apesar das críticas dos artistas, o público aprecia suas telas rugosas, encrespadas de pastosidades e dominadas pelo que a partir dele se chama «tenebrismo». Estabelece-se em Roma até que, obrigado a fugir por se ter envolvido numa sangrenta rixa, se refugia em Nápoles (1606). Percorre o Sul do país perseguido pela justiça até que vai para Malta (1607), onde é recebido na Ordem de S. João. Encarcerado um ano mais tarde por ofensas a um cavaleiro da ordem, consegue fugir para a Sicília e, dali, para Messina (1609). Regressa a Nápoles, até onde o perseguem os seus inimigos malteses, que o deixam gravemente ferido. Anistiado por Roma, dirige-se a Porto Ercole, onde é detido por erro. Uma vez libertado, morre obscuramente (segundo certas versões, de umas febres).

[2]. Religiosa alemã do princípio do século XIX que narrou com simplicidade evangélica em seu dialeto renano a cena evangélica - como se presente se encontrasse -, deixando em suas vivíssimas descrições, esplêndidas meditações da Paixão.